

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

A AMPLIAÇÃO DOS CONTEXTOS INTERATIVOS E O SEU EFEITO NA IDENTIDADE CULTURAL INDÍGENA MBYÀ-GUARANI DA ALDEIA "YAKÃ JÚ" DE SANTO ÂNGELO/RS¹

THE EXTENSION OF INTERACTIVE CONTEXTS AND THEIR EFFECT IN THE INDIGENOUS CULTURAL IDENTITY OF MBYÀ-GUARANI FROM THE VILLAGE

Roberta Herter Da Silva², Norberto Kuhn Júnior³

¹ O presente estudo refere-se a uma importante reflexão surgida no desenvolvimento da tese de doutoramento da autora na Universidade Feevale.

² Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela FEEVALE. Bolsista CAPES.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996). Professor da Universidade Feevale. Contato: nkjunior@feevale.br

Resumo

Esse trabalho visa analisar a ampliação dos contextos interativos e o seu efeito na reorganização dos padrões de interação social dos indígenas da "tekoá Yakã Jú", da etnia Mbyà-Guarani, comunidade indígena que localiza-se no município de Santo Ângelo, na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Esse artigo é fruto da pesquisa de investigação do modo pelo qual os representantes de uma cultura indígena convivem com a manutenção do "nhadereko" e ao mesmo tempo, com o acesso aos meios de comunicação. A pesquisa é fruto da experiência etnográfica, que consistiu em imersão no campo, escritas de diário, observação participante e entrevistas não-diretivas. Neste sentido, a partir dessa experiência é possível tecer como hipótese que os meios de comunicação, como facebook e whatsapp, acessados nessa aldeia por meio de smartphones, cumprem uma função histórica, não somente de salvaguardar, mas especialmente na construção da memória da cultura Mbyà-Guarani, ressignificando as suas formas de interação social.

Palavras-chave: Identidade Mbyà-Guarani; Meios de Comunicação; Contextos interativos; Cultura.

Abstract

This work aims to analyze in the expansion of interactive contexts and its effect on the reorganization of the social interaction patterns of the indigenous people of the "Tekoá Yakã Jú", of the Mbyà-Guarani ethnic group, an indigenous community located in the municipality of Santo Ângelo, in the northwestern region of the state of Rio Grande do Sul. This article is the result of the investigation of the way in which the representatives of an indigenous culture coexist with the maintenance of the "nhadereko" and at the same time, with access to the means of communication. The research is the result of the ethnographic experience, which consisted of

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

immersion in the field, journal writing, participant observation and non-directive interviews. In this sense, from this experience it is possible to hypothesize that the media, such as facebook and whatsapp, accessed in this village by means of smartphones, fulfill a historical function, not only to safeguard, but especially to build the memory of Mbyá culture -Guarani, resignifying their forms of social interaction.

Keywords: Mbya-Guarani identity; Media; Interactive contexts; Culture.

1 INTRODUÇÃO

A década de 90 representou, para a mídia brasileira, um período de intensa transformação e globalização. Vive-se a expectativa, a partir dessa ampliação dos contextos interativos, em que todos os segmentos da sociedade possam expressar suas contribuições à construção de uma nação pluriétnica. Espera-se de tal aquecimento na comunicação a revisão de preconceitos, o respeito pelas diferenças culturais, idealmente aproximadas pela via da comunicação. Ser protagonista desta rede global de comunicação também é a expectativa dos indígenas. Assim, a abertura de novos espaços na mídia representa, para os indígenas da “tekoa Yakã Jú”, um duplo desafio: o de viabilizar seu espaço e o de controlar a difusão de suas próprias vozes numa mídia que prefere difundir falas sobre os índios, em detrimento da fala dos índios.

O objeto de estudo são os aproximadamente 37 indígenas Mbya-Guarani, da Aldeia Yança Jú, instalados, desde dezembro de 2015, numa área de 15 hectares na Barca dos Gabriel, Buriti, distrito do município de Santo Ângelo, situado na região das Missões, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

2 METODOLOGIA

Utilizou-se inicialmente da metodologia de pesquisa exploratório-bibliográfica, por recorrer ao uso de livros, revistas, artigos, além de pesquisas em bibliotecas virtuais, também utilizou-se do método da etnografia, por meio das técnicas de pesquisa de campo, escritas de diário e da observação participante, ainda em estágio bem inicial de desenvolvimento na aldeia.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao percorrer a história é possível verificar que as mais graves violações aos direitos identitários e culturais tiveram como fundamento a dicotomia do “eu versus o outro”, em que a diversidade era captada como elemento para aniquilar direitos (Piovesan, 2008). Valendo dizer que no decorrer do

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

tempo o “outro” foi concebido como um ser menor em dignidade e em direitos, em situações limites um ser esvaziado de qualquer dignidade, um ser descartável, um ser supérfluo, objeto de compra e venda, como na escravidão, ou de campos de extermínio, como no nazismo (Piovesan, 2008).

Foi somente na modernidade que surgem novas ideias e transformações marcadas pela filosofia humanista, com direitos reconhecidos como universais e a libertação quanto a dogmas e credences típicas da Idade Média. Segundo Lucas (2012), isso porque a ideia de que o indivíduo é portador de direitos que lhe são inerentes e sua proteção contra as intervenções arbitrárias do Estado são determinante no surgimento do Estado moderno. Na modernidade a diferença fez parte do conceito de identidade, já que deixa de ser considerado como um valor negativo e passa a ser considerado um valor positivo, ou seja, a identidade como autoconsciência é um acontecimento moderno (LUCAS, 2012), que consolida e fortalece a democracia.

A primeira fase de proteção dos direitos humanos foi marcada pela proteção geral, que expressava o temor da diferença, que no nazismo havia sido orientada para o extermínio, com base na igualdade formal (PIOVESAN, 2005). Tornou-se, contudo, insuficiente tratar o indivíduo de forma genérica, geral e abstrata. Fez-se necessária a especificação do sujeito de direito, que passa a ser visto em sua peculiaridade e particularidade (PIOVESAN, 2005). Mesmo que se tenha garantido o direito à igualdade, inclusive na própria Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, ainda há identidades que necessitam de reconhecimento, devendo deixar de ser tratada com indiferença, como é o caso das demandas comunitaristas e identitárias.

A diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social e encontra-se inserida no processo histórico (SEMPRINI, 1999). O reconhecimento das diferenças tornou-se condição indispensável à participação social das minorias, ao fim das desigualdades e à redução do sofrimento humano. Na modernidade, não foram poucos os documentos internacionais elaborados para garantir a proteção e amparo devidos às demandas comunitaristas e identitárias. Nesse viés, o Brasil passou a cumprir agendas voltadas para uma nova concepção de igualdade a partir da Constituição de 1988, além da igualdade formal, assegurou da mesma forma a igualdade material por meio de políticas públicas de inclusão, já que por muitos anos houve uma política de exclusão.

Os movimentos indigenistas reclamam seu direito à diferença. No Brasil historicamente a maioria da população indígena foi eliminada ou confinada em áreas não urbanizadas /não industrializadas, assim houve uma política de exclusão desse grupo étnico-racial. Após 1988 houveram importantes conquistas quanto ao direito indígena.

É possível analisar que a tradicional forma de transmissão do conhecimento indígena Mbyá-Guarani, é a oralidade, através do idoso originário. A sobrevivência da cultura Mbyá-Guarani depende da oralidade dos membros da família, em especial dos idosos da comunidade. Os povos originários construíram a história por meio da memória, ou seja, da oralidade dos “mais velhos” que, por meio de relatos sobre o passado da etnia, revelam e criam um vínculo entre os jovens e sua história. Fato significativamente importante para a expansão idiomática e a preservação cultural. O envelhecimento humano é algo que atravessa todas as culturas e povos e na maior

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

parte das sociedades indígenas a transmissão dos elementos culturais como a mitologia, os rituais e os costumes é feita oralmente e são os idosos que desempenham essa função fundamental para a sobrevivência da cultura.

A profusão da internet e das tecnologias mais recentes como alternativas de comunicação de certo modo levou a mídia a descobrir e explorar esse potencial ambiente comunicativo digital. A internet também se destaca pelo modo ágil e instantâneo como as informações podem ser publicadas e dispersas por todos os limites da rede; a perenidade das informações e a interatividade digital: A interação é característica comum das interações sociais do cotidiano, mas a ascensão das tecnologias e relações digitais ajudou a ampliar esse conceito.

Assim, “a internet possibilita uma comunicação reticular, um espaço público, um Fórum Híbrido em que o sujeito vive a possibilidade de ambivalência entre o local e o global, entre o eu e o anonimato, entre o eu e o outro do pseudônimo, entre a pertença e o desenraizamento, entre o reprodutor e o consumidor de conhecimento à escala global, entre a nacionalidade e o cosmopolitismo” (SILVA, 1999, p. 1).

Deste modo, a internet veio a modificar as coordenadas do conceito de território. Agora são os interesses comuns que determinariam a topologia das relações e não a geografia comum (SILVA, 1999, p. 5). Simultaneamente o sujeito enraizado num lugar físico e suspenso na pluralidade de lugares que a navegação em rede lhe permite (SILVA, 1999, p. 5). E na “tekoá Yakã Jú” a internet é acessada pelos jovens principalmente por meio de smartphones, que são o que simboliza a convergência tecnológica e organizacional da telefonia móvel, dos serviços da internet, e os artefatos de computação pessoal. Wilska (2003) argumenta que os jovens utilizariam o celular não só com propósitos instrumentais, mas também como um meio para expressar suas necessidades de conectividade e auto expressão.

O conceito de conectividade, segundo Abeele, Roe e Pandelaere (2007), está relacionado à sensação de ligação emocional entre pessoas, onde essa ligação não tem relação com a interação direta dos outros participantes, e sim com o envolvimento psicológico, ou seja, conectividade está relacionada ao sentimento de estar ligado a outros indivíduos e não com a ligação propriamente dita. Häkkinen e Chatfield (2005) propuseram que os telefones celulares são percebidos por seus usuários como objetos extremamente pessoais e que as mensagens de texto são consideradas ainda mais privadas do que as ligações normais, chegando a ser comparadas a correspondências no que se refere à confidencialidade.

Rocha et al. (2011) identificaram o uso do celular como uma forma de suprir as necessidades de conectividade, sendo a mais comum: um meio de se manter em contato com a família e amigos. Também, identificaram que o celular estaria associado ao sentimento de pertencimento ao grupo. Segundo Burr, Leigh, Day e Constantine (1979, p. 49) o conceito de símbolo, definido pela teoria da interação simbólica, pode ser entendido como “abstrações mentais, tais como palavras e ideias que possuem um significado”, e que os símbolos são criados por meio de interações sociais.

Uma vez que os símbolos são socialmente criados, os seus significados seriam relacionados de formas diferentes entre as sociedades. Para Lin (2004) outro importante conceito da teoria da

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

interação simbólica é a do autoconceito, que pode ser definido como a percepção do indivíduo sobre ele mesmo. Os indivíduos desenvolvem o autoconceito por meio das interações sociais, onde eles começam a comparar suas características com características similares ou diferentes dos outros.

O telefone celular seria um símbolo de pertencimento a um grupo e parte da identidade de um indivíduo. A identidade é expressa tanto pela “personalização” do próprio aparelho, por meio do design, tamanho, cor, toque, protetor de tela e outros acessórios, quanto pelo uso real, como tempo dos telefonemas e quantidade de mensagens (WILSKA, 2003, p. 44).

No contexto da sociedade de consumo globalizada, o telefone celular consolida-se como um dos artefatos símbolo da contemporaneidade. Bauman (2001) considera a tecnologia emblemática da compressão espaço-tempo, demarcando sua importância no contexto por ele denominado “modernidade líquida”: “Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para o uso dos nômades que têm de estar ‘constantemente em contato’), pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade” (Bauman, 2001, p. 149).

A afirmação do celular como artefato-símbolo da contemporaneidade implica em refletir mais detidamente sobre o caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Nesse sentido, os estudos no campo da antropologia do consumo constatam que, muito além da mera função utilitária, os bens carregam significados e atuam como sistemas de comunicação. Os indivíduos utilizam os bens para constituir a si mesmos e ao mundo, criando desta forma um universo compreensível.

Mary Douglas e Baron Isherwood (2004) entendem o consumo como uma dimensão da vida social fundamental nas chamadas sociedades urbanas e pós-industriais contemporâneas. Para os autores os consumidores, ao consumirem determinado produto, também estão consumindo toda uma gama de significados simbólicos que expressam pertencimento ao mundo social.

É nesse sentido que para Douglas e Isherwood (2004) os consumidores, embora sempre sujeitos a determinados padrões de consumo e convenções sociais pré-estabelecidos, têm a capacidade de manipular os bens simbólicos dentro de regras e códigos culturais elaborados por eles mesmos.

O uso de celulares é determinado pelo ambiente social e cultural, assim, ocorrem apropriações e reapropriações dessa tecnologia global a partir de especificidades locais, o que demonstra que as práticas de consumo, muito além da posse de bens, estabelecem modos de ser e viver que interagem com a construção de subjetividades. Os celulares constituem-se como “tecnologias afetivas” e funcionam como instâncias mediadoras das emoções e mantenedoras dos laços sociais.

Como hipótese é possível pensar que o uso de celular pelos indígenas jovens seja uma maneira de ter privacidade em uma vida altamente regulada pelos mais velhos, pela cultura tradicional, onde os adolescentes estão sob vigilância constante e, portanto, têm poucas oportunidades para conversas privadas com amigos e namorados. Pode ser que utilizam o telefone celular para estabelecer redes de relacionamentos, inúmeras estratégias de formação dessas redes, como a

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

criação de comunidades religiosas e espirituais, a busca por parceiros sexuais, estratégias de sobrevivência adotadas como em solicitar ajuda financeira de parentes ou amigos em melhores condições financeiras.

Para McLuhan (1971) o telefone celular pode ser pensado como uma extensão do corpo humano. Tanto em termos de novas concepções de corporalidade quanto de novas práticas sociais e culturais, o consumo de telefones celulares desempenha um papel importante na construção de imaginários, de identidades e do mundo social, as quais dão conta de similaridades e especificidades locais na apropriação de uma tecnologia global.

A centralidade que os telefones celulares adquiriram na vida cotidiana aponta para sua consolidação como uma forma importante de inclusão simbólica dos atores sociais em uma lógica de contemporaneidade que é fortemente marcada pela instantaneidade, pela mobilidade e pela virtualidade. Nesse sentido, possuir e usar um celular torna-se uma maneira de estar no mundo, mediada pelas tecnologias de comunicação e informação, que é cada vez mais característica da cultura contemporânea.

Para o Galperin e Mariscal (2007), o consumo de telefones celulares contribui como uma ferramenta de fortalecimento de laços sociais de seus usuários, bem como o fortalecimento das redes de confiança. O telefone celular ao mesmo tempo em que é utilizada como forma de comunicação, pela conversa, por mensagem de texto, pelo envio de imagens, também pode ser visto como construtor de subjetividades, pois estão mudando as cenas urbanas, interferindo nas construções sociais, ao estarem presentes na vida cotidiana dos indivíduos independente da idade, graus de instrução, gênero e localização geográfica.

A atuação dos meios de comunicação representa para Thompson (2008) a ampliação dos "contextos interativos", cujo significado maior, em termos qualitativos, é o de interferir na reorganização dos padrões de interação social. Desse modo, segundo o autor, "o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais" (THOMPSON, 2008, p. 77).

A tecnologia móvel forma a base da principal revolução tecnológica do século XXI. Ao permitir ao indivíduo se comunicar a qualquer momento e em qualquer lugar, a mobilidade muda a forma dos seres humanos interagirem, afetando suas relações sociais, familiares, afetivas e profissionais. Mobilidade é o termo utilizado para identificar dispositivos que podem ser operados a distância ou sem fio.

Segundo Thompson (2008), a tradição não é coisa do passado, porque o seu caráter mutável está ligado à mídia que a reelabora, mantendo-a viva, ou seja, presentificando o passado, à medida que se reporta a determinadas realidades sócio culturais. Segundo o autor, o pensamento social clássico, representado por Marx, difundiu durante anos que "o desenvolvimento das sociedades modernas é acompanhado por um declínio irreversível do papel da tradição" (2008, p. 159). Para Thompson, esta ideia teria sido revitalizada por teóricos que afirmavam que "o desenvolvimento das sociedades modernas implica num processo de desenraizamento das tradições" (2008, p. 159).

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Para Canclini, “as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento” (1997, p. 30), o que na concepção de Thompson (2008) pode ser entendido como o fenômeno pelo qual estas tradições “perdem uma raiz” fixada em um determinado lugar para surgirem e se “ancorarem” em diversos outros lugares, até certo ponto, indeterminados.

As tradições não correm o risco de “perder suas raízes” e desaparecer, segundo Thompson (2008), mas passam por um processo de transformação, sendo cultivadas de novas formas, em outros contextos interativos. Para o autor, “as tradições transmitidas oralmente continuam a desempenhar um papel importante na vida cotidiana dos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação” (2008, p.160). Thompson (2008) chega à tese da nova ancoragem da tradição, isto é, ao fato desta tradição não se limitar mais aos contextos práticos da vida cotidiana e ter se expandido, se renovado e sido ancorada em novos contextos interativos, que vão bem além dos limites das situações de origem.

No que tange ao convívio com os meios de comunicação, os indígenas desfrutam do consumo de rádio e televisão, além de muitos utilizarem smartphones para o acesso a redes sociais como facebook e whatsapp, esse constitui o perfil singular da aldeia Yança Jú, ou seja, à medida que preserva suas tradições indígenas, ao mesmo tempo, desfruta do acesso às novas tecnologias, deste modo é possível identificar nesse grupo a chamada nova ancoragem da tradição, na acepção de Thompson (2008).

Os indígenas da aldeia Yança Jú não deixaram de vivenciar as tradições, como por exemplo, as cerimônias de batismo, que acontecem com a presença de todos (cantando e dançando), no plantio de alimentos, na pesca, no ensaio diário do coral, na língua guarani falada por todos da aldeia, entre outros exemplos. Ou seja, nesse sentido, a nova ancoragem da tradição consiste, entre outras formas de ocorrência, no fato dos indígenas Mbyá-Guarani poderem vivenciar as suas tradições em cada um dos mencionados contextos interativos, conseguindo, ao mesmo tempo, registrar a memória da sua cultura, tanto para a sociedade indígena e seus descendentes, quanto para o conjunto da sociedade envolvente.

O conjunto das atividades desenvolvidas pelos indígenas Mbyá-Guarani da aldeia Yança Jú, nas interações sociais pelas quais ressignificam a tradição no presente, retrata bem a reflexão de Coutinho, ao constatar que “cada grupo social constrói suas tradições interpretando e se apropriando do passado, de acordo com perspectivas e interesses efetivamente definidos pelas relações sociais existentes” (2005, p. 87). Coutinho argumenta que “a categoria de tradição não significa apenas conservação, como quer o senso comum: ela carrega consigo a ideia de ruptura” E, como proficuamente pontua o autor, “conservação e ruptura determinam uma seleção e, necessariamente, uma reinterpretação dos signos do passado” (2005, p. 95).

Segundo Thompson (2008) é possível que as sociedades indígenas se apropriem dos recursos tecnológicos, para dar novos sentidos às suas práticas tradicionais. Thompson afirma que,

as tradições transmitidas oralmente continuaram a desempenhar

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

um papel importante na vida cotidiana de muitos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação. A mediatização da tradição dotou-lhe de uma nova vida: a tradição se libertou das limitações da interação face a face e se revestiu de novas características. A tradição se desritualizou; perdeu sua ancoragem nos contextos práticos da vida cotidiana. Mas o desenraizamento das tradições não as privou dos meios de subsistência. Pelo contrário, preparou-lhes o caminho para que se expandissem, se renovassem, se enxertassem em novos contextos e se ancorassem em unidades espaciais muito além dos limites das interações face a face. Por um longo tempo a questão indígena se manteve presa de um pensamento populista e romântico, que identificou o índio com o mesmo, e este, por sua vez, com o primitivo. E convertido em pedra de toque da identidade, o índio passou a ser o único traço que nos resta de autenticidade: esse lugar secreto onde subsiste e se conserva a pureza de nossas raízes culturais. Todo o restante não passa de contaminação e perda da identidade. O índio foi assim convertido no que há de irreconciliável com a modernidade e hoje privado de existência positiva (2008, p. 160).

A partir da experiência etnográfica realizada a mais de 2 anos com os indígenas Mbyà-Guarani da aldeia “Yakã Jú” é possível tecer como hipótese que esse grupo indígena se enquadra na teoria da ancoragem da tradição de Thompson.

Os avanços tecnológicos colocados à disposição dos indígenas não representam, por si só, um progresso rumo ao estágio denominado “civilizado”; tampouco a absorção de bens industrializados dos quais passam a depender representa necessariamente melhoria em suas condições de vida. Isso porque, o conceito de comunidade não se restringe mais à prática social e comunicativa realizada dentro de um espaço geográfico limitado.

De certo modo é possível, inclusive, desfazer a ideia da perda de identidade étnica, a partir do momento que os indígenas passam a se expressar por meio da internet: para esses povos, o contato dinâmico com as redes digitais é um modo de se manter sintonizado às mudanças e avanços sociais e tecnológicos. No entanto, a internet funciona principalmente como uma forma de registrar, manter e globalizar as tradições indígenas, sem esquecer das tradições.

A ampliação dos contextos interativos, por meio do acesso à internet por meio inclusive dos smartphones retira os indígenas do papel de meros espectadores ou ouvintes, e as coloca as pessoas como difusoras e produtoras de conteúdo (PERUZZO, 2008). A internet ajuda a romper limites geográficos, quebrando a ideia de que a comunicação está restrita a um limite territorial, além de possibilitar o uso de diversas mídias.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Os próprios indígenas enxergam a rede como uma forma de se integrarem ao mundo globalizado sem perder suas raízes, perpetuando suas tradições e divulgando-as para o resto do mundo (PEREIRA, 2008). caracterizam a tendência de se reafirmar a presença indígena no ambiente digital pelas próprias aldeias, inserindo o cotidiano e a cultura desses povos dentro da sociedade urbana sem que eles se percam de suas origens e tradições.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de apropriação de elementos culturais externos, com a ampliação dos contextos interativos, não têm, como consequência, a perda de identidade cultural indígena. Nas últimas duas décadas, os povos indígenas, por meio de movimentos sociais, vem investindo no seu futuro, especialmente por meio de novas formas de organização que fortalecem sua presença no país. É nesse contexto de intensificação do contato que esses povos têm tido a oportunidade de dinamizar suas diferenças, não apenas em relação aos não-indígenas, mas entre si.

Não é possível afirmar, na contemporaneidade, que a preservação das particularidades étnicas depende do isolamento, isso porque a experiência mundial mostra que a vivência e a afirmação das diferenças resulta de experiências de múltiplas formas de articulação de interesses econômicos, políticos ou culturais na interação com nossa sociedade envolvente.

Estudos empreendidos em vários continentes evidenciaram que a apropriação da tecnologia, quando garante comunicação entre culturas, fortalece a persistência das diferenças culturais. O debate da diferença representa para esses grupos a oportunidade de reivindicar um espaço próprio e garantias para um futuro mais digno.

São novas modalidades de representação que envolvem a reconstrução de sua auto-imagem, um processo seletivo de particularidades culturais, que cada povo realiza em função de sua experiência e de seus interesses no contato. Os povos indígenas se fortalecem em situações de comunicação, nas quais as situações particulares fazem sentido e quando eles podem manifestar respostas culturalmente adequadas. O formato de suas culturas depende, efetivamente, de uma dinâmica de recriação permanente de diferenças, que assumem como afirmação política e que tem muito a ganhar no acesso aos meios de comunicação. Essas comunidades selecionam, reconstruem e fortalecem manifestações culturais que desejam preservar para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ABEELE, M. V.; ROE, K.; PANDELAERE, M. Construct validation of the concepts social presence, emotional presence and connectedness and an application of Zajonc's social facilitation theory to social. Annual International Workshop on Presence. Barcelona, Spain, 10, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

BURR, W. R., LEIGH, G. K., DAY, R. D.; CONSTANTINE, J. Symbolic interaction and the family. In W. R. Burr, R. Hill, F. I. Bye; I. L. Reiss (Eds.), Contemporary theories about the family: General theories/theoretical orientations (Vol. II) pp. 42-129. New York: Plenum Press, 1979.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

COUTINHO, Eduardo Granja. Os sentidos da Tradição. In: BARBALHO, Alexandre; PAIVA, Raquel (orgs.). Comunicação e Cultura. São Paulo: Paulus, 2005.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

FERNANDES, Guilherme. Folkcomunicação e Mídia Digital: a luta simbólica pela cidadania nos espaços de homocultura virtual. Juiz de Fora -MG. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste - Intercom. 2007.

GALPERIN, Hernán; MARISCAL, Judith. Pobreza y Telefonía Móvil en América Latina y el Caribe. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2007.

Häkkinä, J.; Chatfield, C. It's Like if you Opened someone Else's Letter: User Perceived Privacy and Social Practices with SMS Communication. Proceedings of MobileHCI, p. 219-222, p. 2005.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo. 34, Ed. 1999.

LIN, C. Are we there yet? Investigating factors associated with youths' self-concepts of adulthood. A thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of master of arts, The University of British Columbia. Retrieved June 03, 2012, from <http://hdl.handle.net/2429/16308>, 2004.

LUCAS, Douglas Cesar. A proteção jurídica das identidades desconectadas: um mapa de sua ambivalência. Revista de Direitos Fundamentais e Democracia, Curitiba, v. 12, n. 12, p. 215-236, julho/dezembro de 2012.

MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. 3a. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

PEREIRA, Eliete da Silva. Nos meandros da presença étnica na rede digital. In: FELICE, Massimo Di. Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul - SP. Difusão, Ed. 2008.

PERUZZO, Cicilia M.K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. In: Palavra Clave, v. 11, n. 02. 2008.

PIOVESAN, Flávia. Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. In: SANTOS, Augusto Sales dos. Ações afirmativas e o combate ao racismo na Américas. Brasília: MEC, Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. Igualdade, Diferença e Direitos Humanos: Perspectivas Global e Regional. In: SARMENTO, Daniel; IKAVA, Daniela; PIOVESAN, Flávia (orgs). Igualdade, Diferença e Direitos Humanos. Rio de janeiro: Lúmen júris, 2008.

ROCHA, A. M. C., PACHECO, H., GÓES, G.; MARTINS, J. M. Adoption and Use of Technology by Low-Income Young Consumers: The Case of Cellular Phones. C.K. Prahalad's Legacy: Business for Poverty Alleviation, San Diego, Estados Unidos, 1, 2011.

ROGERS, E. M. Diffusion of innovations. New York, The Free Press, 2003.

SEMPRINI, Andrea. Multiculturalismo. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 1999.

SILVA, Lídia J. O. L. A Internet - a geração de um novo espaço antropológico. 1999. Disponível em <http://bocc.unisinos.br/pag/silva-lidia-oliveira-Internet-espaco-antropologico.pdf> Acesso em 9 de junho de 2017.

THOMPSON, John B. A mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de O. Brandão. Leonardo Avritzer rev.10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Wilska, T.A. (2003). Mobile phone use as part of young people's consumption styles. Journal of Consumer Policy, 26, 441-463.